

Precariedades de vida: criando desenhos

Ana Clara Damásio

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0001-7426-7486>
E-mail: anaclarasousadamasio@gmail.com

REVZAB
● ● ● ● ● ●

Parafraseando Conceição Evaristo (2020: 1) é preciso comprometer o desenho com a vida ou é o inverso? Comprometer a vida com o desenho? E, como a partir da nossa posição no mundo, ocupamos espaços que não foram pensados para nós? Como, a partir disso que não escapamos, nosso corpo, vamos forjando formas de estar no mundo? Quando entrei na universidade em 2012 (fui a primeira da minha família), havia uma fala da minha mãe muito explícita, de que eu teria que auxiliá-la em seu trabalho para que eu pudesse ganhar algum dinheiro para comer na universidade, me deslocar pela cidade e adquirir os textos exigidos pelas disciplinas.

Com isso, passei a auxiliá-la em suas diárias, limpando alguns escritórios no centro de Brasília. Eu seguia, mesmo na universidade, o fluxo de trabalho das minhas parentes. E lembrar esse processo ao longo do tempo (diversas vezes) foi essencial para que eu não esquecesse das precarizações em que nossa família esteve imersa. Em que tantas famílias como a minha estão imersas. Não por acaso, foi essa mesma precarização que me fez, anos depois, pesquisar minha própria família. Essa, composta majoritariamente por mulheres negras e da classe popular.

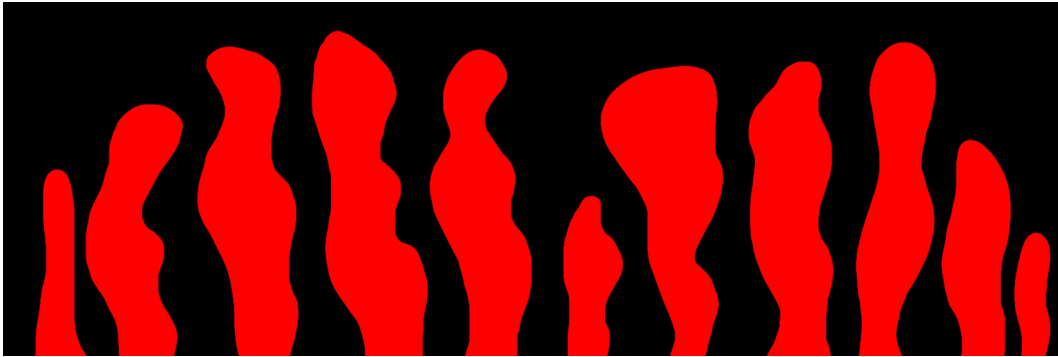
Com o contexto de incerteza do corte de bolsas ao longo do Governo Bolsonaro (2019-2022), resolvi me voltar (como pesquisadora, filha, neta, sobrinha, antropóloga) para dentro da casa da minha avó, em Canto do Buriti-PI, para realizar uma pesquisa etnográfica (Damásio, 2020). Nesse contexto, é importante considerar como as precarizações de vida nas quais tantas famílias foram imersas ao longo de um processo histórico, econômico e racial, se refletem nas escolhas (se é que temos mesmo) de pesquisas que nos são possibilitadas (com essas mesmas precarizações que se mantêm ao longo do tempo). Entretanto, já no doutorado, pude refletir, pensar e pesar qual pesquisa que eu gostaria de tocar.

Não por acaso, mantive-me dedicada à pesquisa de minha própria família, buscando compreender como essa incessante busca por "melhores condições de vida" (Sarti, 1994) perdura ao longo de gerações. Enquanto investigo as origens e os desdobramentos das precarizações que minha família enfrenta, percebo que estamos inseridos em um contexto social e histórico mais amplo, onde questões de classe, raça e gênero desempenham papéis cruciais (Gonzalez, 1984). Em síntese, a jornada de pesquisa e desenho sobre minha própria família revela não apenas as complexidades da vida cotidiana, mas também as profundas estruturas de precarização que moldam nossas experiências. É “desenhar pra ver”, “desenhar para conhecer” (Kuschnir, 2012). Assim, como nesse presente ensaio desenhado, ao olhar para trás (através dos desenhos) e refletir sobre nossas lutas e conquistas familiares, vislumbro a importância de continuar desenhando a partir da memória para conhecer processos de precarização que nos fazem e nos formam.





Desenho 1: A ida para o mundo, a luta e a sorte. Ana Clara Damásio, 2024.

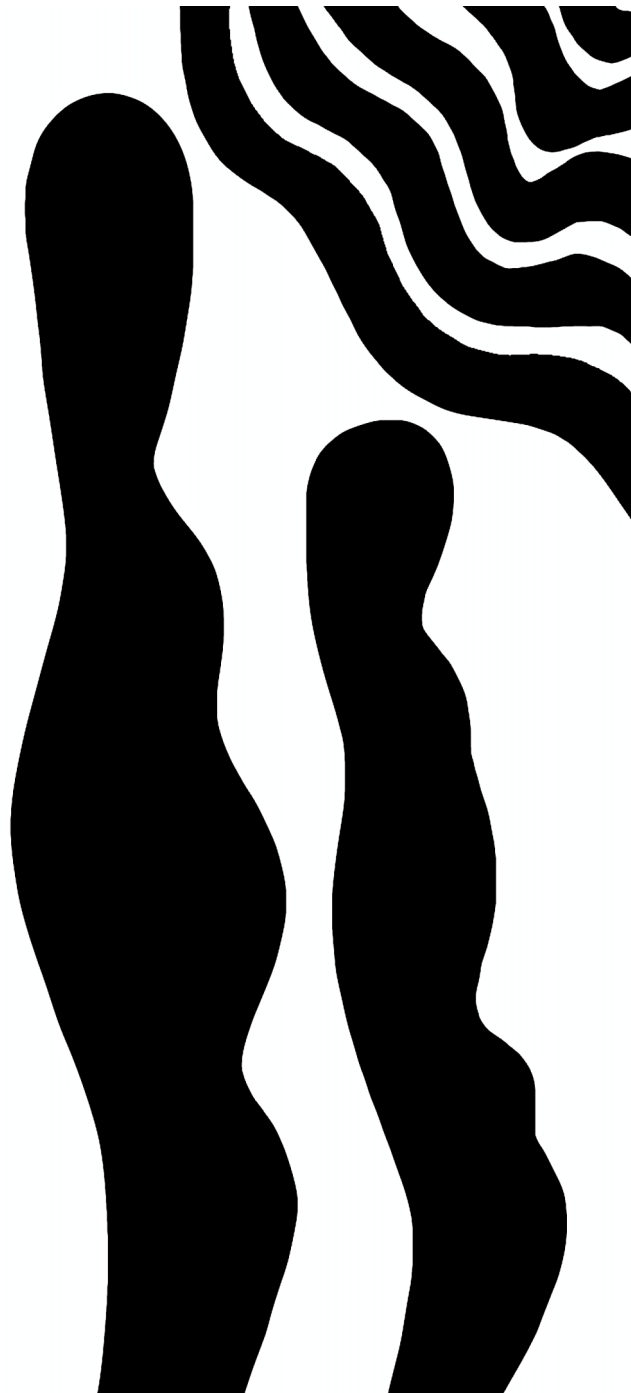


Desenho 2: Família. Ana Clara Damásio, 2024.

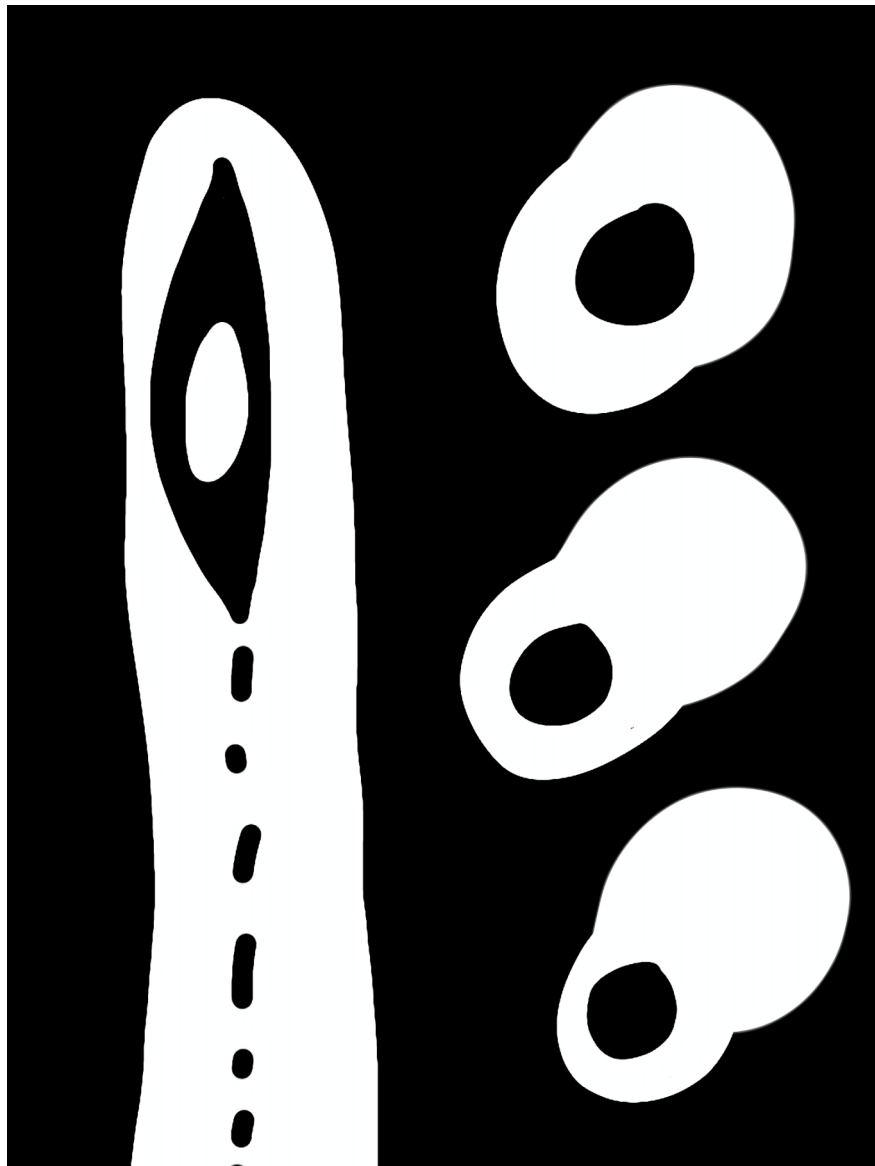


Desenho 3: Rede-Casa: onde chegamos, o que descobrimos. Ana Clara Damásio, 2024

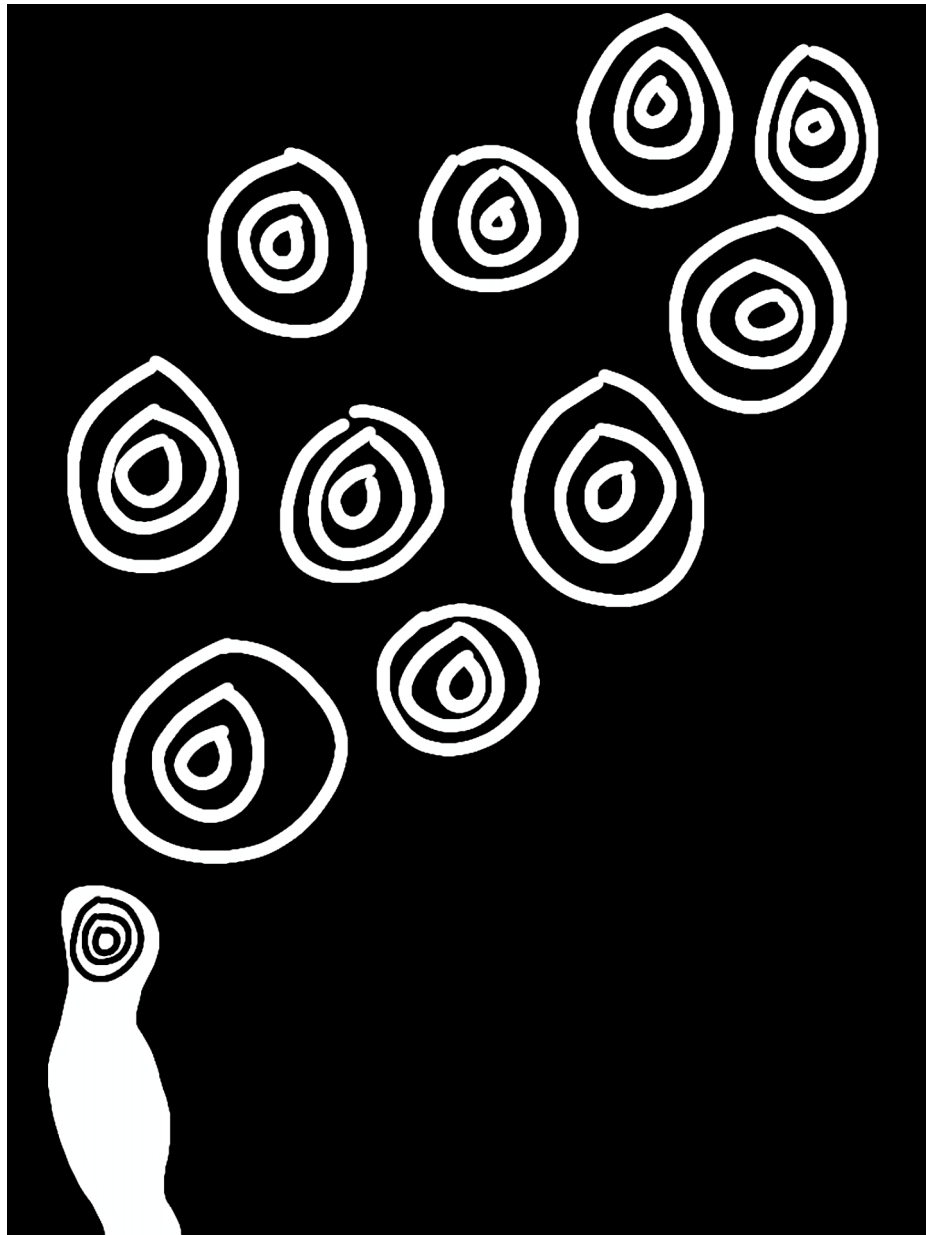




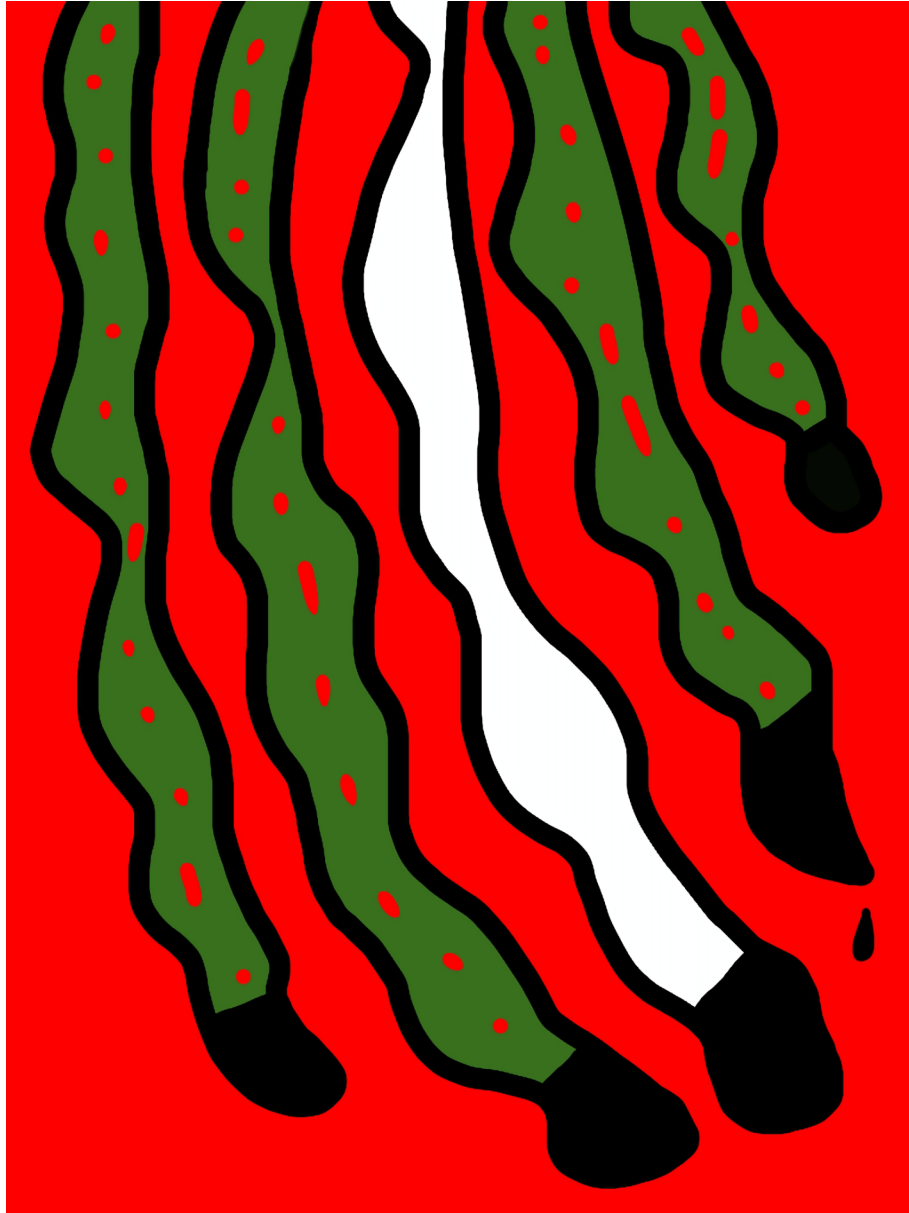
Desenho 4: O trabalho doméstico. Ana Clara Damásio, 2024.



Desenho 5: O vaso limpo, o patrão. Ana Clara Damásio, 2024.

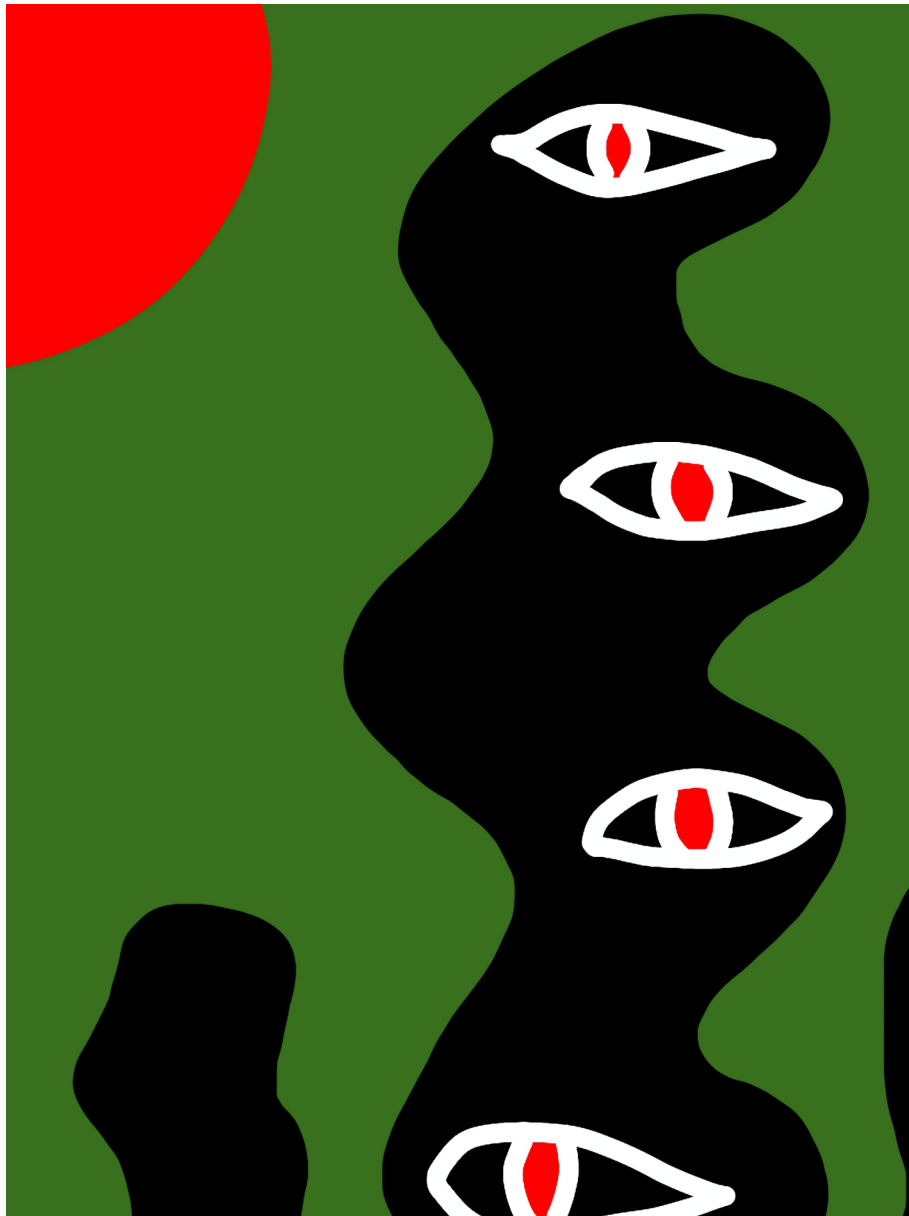


Desenho 6: Contas que não fecham. Ana Clara Damásio, 2024.

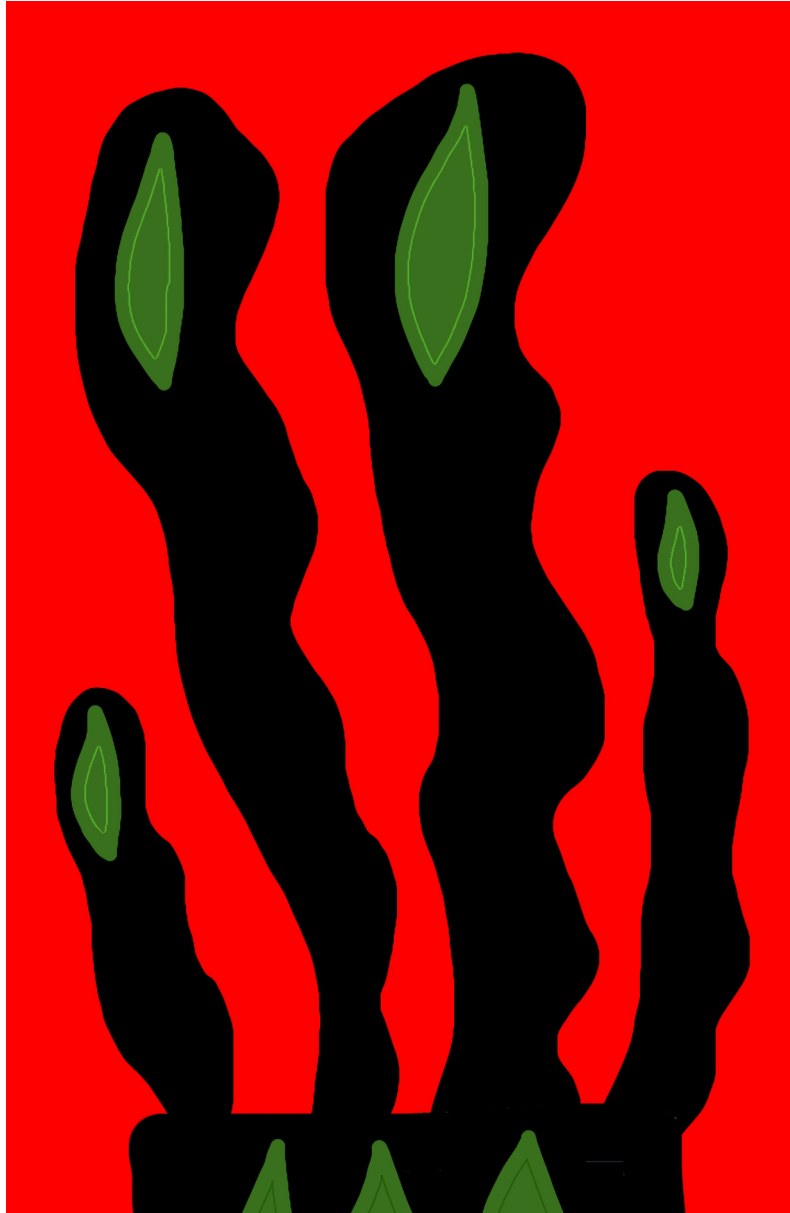


Desenho 7: A mão que desenha. A mão que limpa. A mão que escreve. Ana Clara Damásio, 2024.



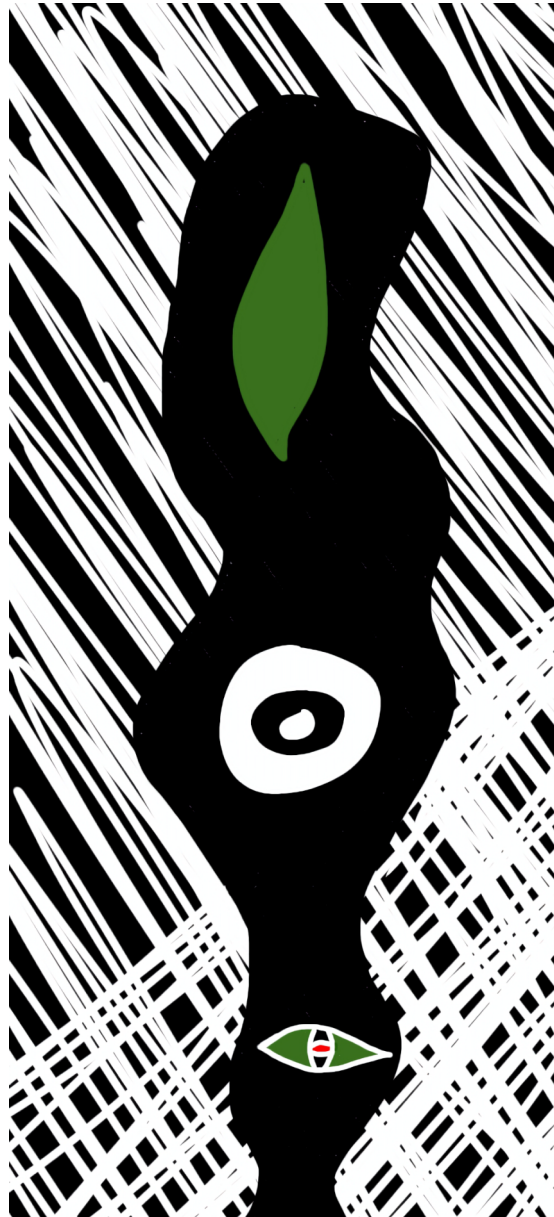


Desenho 8: Projetos coletivos, sonhos espriados. Ana Clara Damásio, 2024



Desenho 9 : Trabalhos, planos. Ana Clara Damásio, 2024.





Desenho 10 : Precarizações. Ana Clara Damásio, 2024.

Referência

Evaristo, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Z Cultural, v. 3, n. 18, 2020.

Gonzales, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984.

Kuschnir, Karina. 2012. “Desenhar para conhecer: desenhando cidades”, *Seminário Conversas de Pesquisas – Departamento de Antropologia Cultural, DAC/IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

Damásio, Ana Clara. *Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI*. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

Sarti, Cynthia. *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, 1994.

